TRIBUNA FEIRENSE
Compromisso com a verdade

André Pomponet

O sufoco do feirense em bancos e lotéricas

André Pomponet - 13 de abril de 2020 | 18h 06

– O dinheiro acabô e eu tive que voltá a trabaiá...

A voz metálica reverberou pela Praça Bernardino Bahia estilhaçando um dos múltiplos silêncios curtos, precários, naquele logradouro. Dois feirantes dialogavam, aos berros, à distância. Era início de tarde da Semana Santa. O calor era intenso e, no céu, densas nuvens encardidas encobriam o azul. Tabuleiros com frutas, verduras, legumes e hortaliças se sucediam, mas sem a variedade habitual. Os consumidores, ariscos, paravam pouco, compravam menos ainda.

A gente que mercadejava por ali sustentava dois argumentos. Era a falta de dinheiro que os levava à aventura de tentar vender seus produtos no meio da pandemia de coronavírus. O problema é que a clientela anda reticente, temerosa de contrair a doença. As vendas são, portanto, frustrantes. A frase reproduzida acima resume, com perfeição, o sufoco enfrentado pelo brasileiro pobre.

Defronte aos bancos, filas se encorpavam. Muitos se acotovelavam para sacar o benefício de R$ 600 aprovado pelo Congresso e pago pelo governo. A ansiedade e a desinformação produziam cenas alarmantes: gente aglomerada, sem máscara, conversando, rindo, gesticulando, numa lufa-lufa que só favorece a disseminação do vírus. As reações são compreensíveis: como o governo perdeu muito tempo com *"mimimi"*, o dinheiro só começou a sair semana passada, causando tumultos.

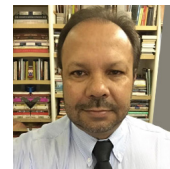
As lotéricas também andam lotadas. Alguns frequentadores – cuidadosos – ostentam máscaras e buscam conservar a distância prudente de 1,5 metro recomendada pelos especialistas. Outros, impacientes, castigam com pisadas a calçada áspera, tentam um avanço impossível e expiram com força nos cangotes mais à frente.

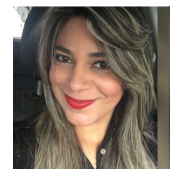
Pode-se afirmar que as ruas da Feira de Santana, nos últimos dias, têm sido dessa gente que, desesperada, sai em busca da subsistência: vendendo o que é possível a clientes incertos ou sacando o modesto auxílio governamental. É aí que surgem os espertalhões usando a dura situação de parte da população como pretexto para exigir a reabertura do comércio porque, afinal, "o Brasil não pode parar".

A decisão do prefeito Colbert Filho (MDB) de adiar a reabertura do comércio foi, mais uma vez, acertada. É claro que a situação econômica preocupa. Mas vai preocupar muito mais caso se retome de maneira precipitada as atividades econômicas, favorecendo a proliferação do novo coronavírus.

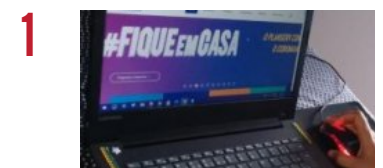
Nessa situação, doentes vão se acumular nos corredores dos hospitais e mortos à espera de sepultamento nos cemitérios. Basta ver o que está ocorrendo mundo afora.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
Brasileiro aglomera por gosta
Pandemia:pilotando o radar

André Pomponet
Festejos juninos em ter pandemia
A função essencial dos na pandemia

Emanuela Sampaio
Lançamento
Muito sabor na Páscoa quarentena

César Oliveira- Crô
Desistências
Setembro não é longe

AS MAIS LIDAS HOJE

1

Planserv disponibiliza mais de 20 servi para beneficiários não saírem de casa

2 Bahia ultrapassa marca de mil casos de coronavírus nesta sexta